

## Oralidade e memória: aromas exalados de “Pé-de-perfume”

Andréia Maria da Silva Lopes<sup>1</sup>  
Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros<sup>2</sup>  
Márcia Rejane Brilhante Câmpelo<sup>3</sup>

**Resumo:** Os países africanos de Língua Portuguesa como Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe estão sendo visualizados por estudos de suas obras ficcionais. Desse modo, os escritos da autora santomense Olinda Beja evidencia o cenário particular de São Tomé e Príncipe, ressaltando a valoração da oralidade/escrita nesse contexto, assim como a consideração da sabedoria dos mais velhos e do conhecimento do jovem na mesma proporção. Portanto, nosso trabalho tem como objetivo fazer um estudo do conto “Pé-de-Perfume” (2005) da autora santomense, presente no livro de contos homônimo, analisando como se dá essa relação oralidade e escritura, que só é possível através do trabalho mnemônico.

**Palavras-Chave:** Literatura Santomense, Olinda Beja, Oralidade, Memória

**Abstract:** Country African of the Portuguese language as Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde and São Tomé e Príncipe there are being viewed by studies of their fictional works. This way, the writings of author Santomean Olinda Beja highlights the particular scenario of São Tomé e Príncipe, emphasizing the assessment of orality / writing in this context, as well as the consideration of the wisdom more older and of the knowledge of the young in the same proportion. Therefore, our work aims to make a study of the short story “Pé-de-Perfume” (2005) the Santomean author, in this storybook homonym, analyzing how is this relation between orality and writing, which is only possible through the work mnemonic.

**Keywords:** Santomean Literature, Olinda Beja, Orality, Memory

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG.

<sup>2</sup> Graduando em Letras pela UFRN, *Campus* de Currais Novos.

<sup>3</sup> Graduanda em Letras pela UFRN, *Campus* de Currais Novos.

## **Introdução**

Os caminhos do Brasil e da África se cruzam desde os tempos do processo de colonização. Então, as contribuições da cultura africana são vistas na formação étnica brasileira, tendo sua representação nas danças, na culinária, na religião, nas artes etc.

Essa interface Brasil/África é ressaltada com a lei 10639/03, que objetiva o estudo da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras de todo o ensino básico, nas disciplinas de História, Educação Artística e Literatura. Nessa direção, muitos estudos produzidos no Brasil vêm adquirindo importância, principalmente, no tocante as literaturas africanas em Língua Portuguesa.

As literaturas africanas dos países de língua portuguesa, como Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, são faladas hoje como literaturas que adquiriram traços próprios, e, que por isso, não podemos nos referir a todas essas criações como se fossem uma única literatura. Segundo Leite (1998) *apud* Ribeiro (2008),

[...] processos literários de individualização nacional [...] não devem ser omitidos em detrimento de rótulos corriqueiramente adotados, como “literaturas africanas de língua portuguesa” ou “literaturas lusófonas”, que “levam a uma generalização do particular em favor de traços apenas comuns pelo uso de um mesmo instrumento lingüístico, e processos temáticos de contestação similares durante o período colonial” (RIBEIRO, 2008, p.95)

A literatura de cada país africano, desde os tempos da pré-independência aos tempos de hoje na pós-independência, vem se moldando face às singularidades de cada lugar, representando os seus costumes, as suas danças, os seus rituais, ressaltando um traço de singularidade, reafirmado pela língua autóctone que, muitas vezes, designa algo que não tem similar em nenhum outro lugar.

Mesmo sendo identificados traços que particularizam cada literatura dos países africanos em Língua Portuguesa, a relação oralidade e escritura é um aspecto que permeia toda a literatura desses países. Esse traço singulariza essas literaturas, pois diferente das criações no ocidente, esse entrecruzamento entre a oralidade e a escrita, coloca ambas numa relação de igualdade. Desse modo, muitos estudos se debruçam sobre as criações na oralidade e na escrita moçambicanas, angolanas e caboverdianas, dando menos ênfase a literatura da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe. Tentando suprir, em parte, esta lacuna, nos debruçaremos sobre a literatura santomense.

Neste sentido, a literatura santomense, abarca em suas narrativas e poesias, a perpetuação de uma tradição, que vem na relação oralidade/escritura, onde a hierarquia entre passado, presente e futuro não existe, pois todos os tempos se equivalem. A identidade do povo santomense está nos escritos literários através da memória cultural; está nas suas lendas e mitos, nos seus rituais, nos costumes e danças; está nos cantares de revolta contra o colonizador e na sua afirmação identitária com a conservação da língua Forro, que sempre aparece em meio à portuguesa nos escritos literários.

Alguns subgêneros na oralidade são recorrentes em São Tomé e Príncipe, como: as sóias<sup>4</sup>, as contágis<sup>5</sup>, os vessus<sup>6</sup> e os poemas em Língua Forro. Muitas dessas criações são passadas para a escrita da

---

<sup>4</sup> As sóias ou soyas são narrativas orais com um tom ficcional e, geralmente, são contadas à noite pelo Kontadô Soya. Essas narrativas são passadas de geração para geração, conservando a tradição santomense.

<sup>5</sup> As contágis são narrativas orais com uma pretensão de verdade, pois geralmente são narradas a partir de um acontecimento real. Ao contrário das sóias, elas podem ser contadas todas as horas do dia.

<sup>6</sup> Os vessus são os provérbios, que em São Tomé e Príncipe é um gênero literário.

mesma forma que são contadas pelo Kontadô Soya<sup>7</sup> ou são recontadas e ficcionalizadas por autores contemporâneos.

A literatura escrita de São Tomé e Príncipe passou por algumas fases que contemplam o período de Pré-independência até o período de Pós-independência, nas quais aparecem autores como Olinda Beja, que sempre canta as suas ilhas com imensa admiração. Portanto, nosso trabalho tem como objetivo fazer um estudo do conto “Pé-de-Perfume” (2005) da autora santomense, presente no livro de contos homônimo, analisando como se dá essa relação oralidade e escritura.

### **Olinda Beja e sua “Santomensidão”**

Maria Olinda Beja nasceu no arquipélago de São Tomé e Príncipe, na cidade de Guadalupe, mas aos dois anos de idade emigrou para Portugal, a terra de seu pai. Na Europa estudou e obteve Diploma Superior dos Altos Estudos Franceses da *Alliance Française* e, mais tarde, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas.

Olinda Beja é pesquisadora dedicando-se a escritura de contribuições sobre seu país em revistas e livros didáticos. As suas publicações aparecem no domínio da poesia e da prosa - são as obras poéticas - *Bô Tendê?; Leve, Leve; No País de Tchiloli; Quebra-Mar; Água Crioula* e *Aromas de Cajamanga*. No âmbito da prosa: *A Pedra de Vila Nova; Pingos de Chuva; A ilha de Izuari; Pé-de-Perfume* e *15 Dias de Regresso*.

Os cantares ao seu país de origem é percebido em toda a obra da autora Olinda Beja. Sua “santomensidão” como ela mesma se refere as suas ilhas, são arquipélagos que jorram chocolate em suas águas ou que têm em suas terras a planta nativa *izaquente*, que como reza a lenda, quem comer da fruta dessa árvore nunca deixará São Tomé e Príncipe.

---

<sup>7</sup> O Kontadô Soya, equivalente ao Griot no restante dos países africanos de Língua Portuguesa, é um sábio respeitado por todos de seu clã. Ele é um contador de estórias que através de sua habilidade performática, a oralidade, o canto e a dança, perpetua a tradição para os mais novos.

Sendo assim, percebemos nos escritos de Olinda Beja um eterno regresso às suas origens, já que passou tantos anos sem ir às ilhas. Um regresso que é feito aos poucos com a redescoberta dos seus quatro sentidos deixados em suspenso por anos. Sendo assim, Olinda quando regressa se reencontra com seu falar de origem, com a escuta das canções e narrativas em Forro, com os cheiros e sabores da ilha do chocolate. O regresso de Olinda Beja, portanto, mais do que ficcionalizado e narrado no romance *15 Dias de Regresso* (2007), pode ser visto em suas outras obras. Assim, o seu regresso é vivido aos poucos, mais intensamente.

#### **Nos aspectos textuais e estilísticos exalados de “Pé-de-Perfume”**

O livro *Pé-de-Perfume* (2005) de Olinda Beja é composto por 23 contos, recontos de Sóias santomenses. Em cada narrativa descobrimos um pouco mais de São Tomé e Príncipe, em suas várias nuances. Ao nos debruçarmos na leitura dos contos, a cultura santomense é vista em seus mais variados sabores e cheiros. A identidade do povo santomense se constitui no tecido da narrativa, pois durante toda a diegese vários elementos que definem a cultura das ilhas são postos aos olhos do leitor.

O conto “Pé-de-Perfume”, nosso objeto de análise, traz alguns recursos que ilustram uma relação estreita entre a oralidade e escrita e alguns desses recursos só são possíveis através do trabalho mnemônico. Nesse sentido, caminharemos no rastro dos aspectos textuais e estilísticos exalados do conto “Pé-de-Perfume”. Apenas pela evocação do olfato com o cheiro da árvore pé-de-perfume<sup>8</sup> a vida da personagem principal se modificará e elucidará como em vários países da África as coisas são resolvidas de forma simples, a partir da sabedoria popular.

---

<sup>8</sup> A árvore pé-de-perfume, cientificamente chamada de *Cananga Odorata* ou mais popularmente conhecida como *ylangue-ylangue*, é uma planta de flores muito aromáticas usadas em perfumaria.

O conto “Pé-de-Perfume”, assim como todos os outros contos que compõem o livro é aberto por uma epígrafe constituída por um provérbio, escrito em Língua Forro santomense e traduzido em Língua Portuguesa. A inserção desses provérbios assume uma grande relevância para construirmos o sentido da narrativa, já que visitando a tradição santomense sabemos que esse gênero oral constitui um valor inestimável na perpetuação dos ensinamentos, pois um provérbio condensa toda uma sabedoria que se renova a cada vez que é proferido pela comunidade. Através do trabalho com a memória, se presentifica e se ressignifica a sabedoria percebida nos provérbios.

Então, a autora no momento em que transpõe esse provérbio para a escrita cristaliza seu significado e esse cada vez que é lido perpetua o seu ensinamento, um traço característico da oralidade. Desse modo, o provérbio “Quem cá golo quadê cabeli”/ “Quem procura sempre alcança” anuncia e condensa o desfecho da narrativa, constituindo-se como uma chave de leitura para o conto. A relação oralidade e escrita é iniciada desde a abertura da narrativa, anunciando como os gêneros da oralidade permearão toda a estória.

A inserção de palavras na Língua Forro santomense em meio à narrativa escrita em Língua Portuguesa também exemplifica uma afirmação identitária através dos aspectos que rodeiam a oralidade, já que a língua oficial de escrita é a língua do colonizador, no entanto, Olinda Beja traz para a sua narrativa a voz do povo santomense, como percebemos em algumas passagens do conto – “Mas... nem rumba, nem *ússua*, nem *puíta* lhe ofereceram o amor por que tanto suspirava”. (p.160); “Serviu Genebra, Cuca e Laurentina. D’jogó e izaquente.” (p.160) A utilização das duas línguas demonstra que as duas se equivalem, bem como há elementos da cultura santomense que outra língua não consegue traduzir ou encontrar equivalentes.

A narrativa, portanto, inicia com a apresentação em terceira pessoa de Baltazar Gógó, um tartarugueiro, que ao contrário de toda uma linhagem familiar que se dedicava ao mar, ele prefere tirar o seu sustento em terra firme. A sensibilidade artesanal da personagem é elucidada, pois a relação do artista com a sua arte vai muito além da necessidade econômica. Numa das primeiras passagens que caracterizam Baltazar Gógó identificamos esse sentido –

Baltazar demorava dias, semanas, meses e às vezes até um ano, a retalhar, a desenhar, a aperfeiçoar. Mas quando os navios aportavam ao largo, ele sabia que alguém do outro lado do mundo, viria de propósito a Neves buscar-lhe a arte e a alma. (BEJA, 2005, p. 159)

O conflito da personagem se instaura quando Baltazar Gógó decide “buscar mulher” (p.160), pois necessitava de um amor. No entanto, essa procura prolonga-se imensamente. A resolução para o seu problema foi os conselhos da sábia avó Domingas, que o recomenda a procura de um curandeiro. “Foi então que a avó Domingas lhe deu o mais sábio dos conselhos. Senhora de longa e experimentada vida entregou sempre o seu destino nas mãos de quem vê pelos olhos da noite”. (pp.160-161)

O mais novo, presente, pois, necessita da sabedoria do mais velho, o passado, para a construção de um futuro. Nessa relação, os tempos se equivalem, pois não há uma hierarquia entre eles, o velho adquire a mesma importância do mais novo lhe cedendo sua sabedoria para a perpetuação de uma tradição. Isso ilustra que o papel que o velho assume é o de uma biblioteca viva. Para Bayer (2008),

[...] o ancião constitui o depositário narrativo de um povo, que, por meio do processo mnemônico, preserva e propaga histórias ouvidas em todas as fases da vida. O velho não cumpre apenas o papel de divulgar e sedimentar os valores grupais, pois seu desempenho vincula-se à atuação do mais novo – criança ou jovem –, iniciando-o e colaborando para que ele tenha condições de desempenhar outras funções dentro da coletividade. Dessa forma, as atribuições exercidas

pelo velho e pelo novo representam os tempos passado e futuro, garantindo os lastros necessários à sustentação e à permanência da autoctonia. (BAYER, 2008, p.7)

Na narrativa, os conselhos da velha Domingas abrem os caminhos para a resolução do conflito da personagem. A solução por meios não racionais, encontrada para o problema de Baltazar, ilustra mais uma característica marcante das tradições do país de São Tomé e Príncipe, bem como em toda a África. “Baltazar falou então com Candondô, o curandeiro que tocava a alma dos mortos no *d’jambi* de Morro Peixe. Candondô fez *milongo*, saltou, cantou.” (p.161) Como em um passe de mágica encontra-se a cura para a “enfermidade” da personagem – “Tudo se resumia a uma flor verde indiciada de amarelo e de secretos odores que teria de oferecer à amada.” (p.161)

Baltazar Gógó encontra a flor da árvore chamada Pé-de-Perfume e depois disso Baltazar encanta todas as mulheres pelo seu perfume, passando a ser chamado pelo mesmo nome da flor, que lhe dera muitos amores.

A solução do conflito se dá, portanto, por uma enigmática relação do homem com a natureza, um envolvimento respeitoso, já que esse é um costume recorrente na cultura popular dos países africanos, pois o mundo vegetal é visto com a mesma importância do mundo dos humanos. Os costumes africanos trazem com o nascimento de uma nova criança, a plantação de uma árvore ou esse novo ser ganha um nome de quaisquer elementos naturais. Então, esse elemento natural é uma extensão do homem. Nesse sentido, Baltazar é como se fosse o próprio Pé-de-Perfume exalando aromas por onde passa. Desse modo, Baltazar Gógó se confunde com o pé-de-perfume assumindo o cheiro característico dessa árvore.

A partir da resolução do conflito da narrativa, Baltazar passa a plantar muitas árvores, muitos pés-de-perfume para curar as enfermidades dos outros, pois enquanto houvesse a árvore mágica nenhum coração padeceria solitário – “E plantou. No ôbô, no morro, na beira da estrada. Muitas muitas árvores. Tantas que nunca mais



na ilha, houve um coração a batucar sem ser correspondido”. A ação de Baltazar, então, não termina com o final da narrativa mais tem uma perpetuação, pois enxergamos uma continuidade, da mesma forma que acontece com a contação de uma lenda numa comunidade, à medida que se conta a estória ele se perpetua e nasce novamente.

A mensagem principal passada pelo conto, portanto, tem um cunho de exemplaridade, já que como anuncia o provérbio “quem procura sempre alcança”. Dessa maneira, quando se têm iniciativa e paciência as coisas almeçadas poderão ser alcançadas, mesmo que isso demande algum tempo.

### **Considerações Finais**

A análise do conto “Pé-de-perfume”, de Olinda Beja (2005), possibilitou-nos perceber diversos aspectos característicos das culturas tradicionais africanas, dentre elas, merece destaque a relação de proximidade que há entre oralidade e escrita na literatura santomense, evidenciada pela utilização do provérbio que abre o conto, assim como as palavras em língua Forra, marcando assim uma valorização do idioma nativo, numa atitude de resistência.

Outro ponto que precisa ser destacado, diz respeito às práticas culturais do povo santomense, presentes na narrativa em estudo. Assim, temos a valorização do mais velho, que não se opõe ao jovem, pois ambos caminham na mesma direção. Há também a valorização de recursos que extrapolam o racional na solução dos problemas cotidianos, atestando, dessa maneira, que a crença em elementos místicos também faz parte da constituição humana.

Por fim, o conto joga luz sobre a questão do envolvimento do ser humano com a natureza, o que ocorre através da identificação da personagem com a árvore da qual assimila o nome. Esses aspectos, entre outros, atestam a qualidade estética da narrativa de Olinda

Beja, cuja sensibilidade permite abordar temas que primam pela conservação da memória coletiva de São Tomé e Príncipe. Em suma, cabe ressaltar a relevância de conhecer e estudar essas literaturas, tendo em vista a necessidade de, mediante o ensino, fortalecer o elo entre o Brasil e a África, relação que contribui e muito ainda tem a contribuir com a cultura brasileira.

### Referências

- \_\_\_\_\_. *15 Dias de Regresso*. 3 ed. Coimbra: Pé de Página Editores. 2007.
- BAYER, Adriana Elisabete. Ao. *Ao Pé-de-perfume, pássaros viajeiros*. 2008. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/04/Artigos%20e%20Ensaios%20-%20Adriana%20Elisabete%20Bayer.pdf>>. Acesso em: 07 de jun. 2010 (2008).
- BEJA, Olinda. Pé-de-Perfume. In: *Pé-de-Perfume*. 2 ed. Lisboa: Editorial Escritor Lda. 2005. p. 159-162.
- RIBEIRO, Giselle Rodrigues. *Vida Escrita – Um breve olhar sobre o conto africano contemporâneo em língua portuguesa*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. USP/São Paulo. Volume VII. Número XXVII. Out- Dez 2008.p. 93-103.